

# Leitura

## De que adoecem e morrem os trabalhadores?

Angela Resende Vercaro

A saúde coletiva depara-se hoje com uma situação de perplexidade. Se por um lado é notório o processo de medicalização dos problemas sociais e da individualização de mal-estares coletivos reproduzidos incessantemente nas "práticas de promoção da saúde", não se pode mais deixar de considerar a doença como resultado da relação homem/natureza mediada pelo trabalho. Afinal, a VIII Conferência Nacional de Saúde realizada em 1986 define a saúde como "produto das condições objetivas de existência, resulta das condições de vida — biológica, social e cultural — e particularmente das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza através do trabalho".

No Brasil, a situação de capitalismo tardio dependente bem como o desenvolvimento e industrialização internos descompassados determinam que as patologias difiram e coexistam, desde as doenças de carência até aquelas psico-sociais típicas dos países mais desenvolvidos, onde o avanço tecnológico dos meios de produção tende a tornar cada vez menos aparente a relação de causa e efeito entre trabalho e enfermidade.

As técnicas convencionais de investigação baseadas em métodos biológicos e experimentais ou epidemiológicos convencionais são insuficientes para surpreender esta relação.

A ausência de literatura médica (quase inexistente no Brasil na área de saúde coletiva), as leis em vigor que determinam o sub-registro de doenças e acidentes, as várias facetas da organização e administração dos serviços públicos de assistência são fatores que impedem o reconhecimento da exten-

são dos danos à saúde, causados pelas condições de trabalho.

Os dez capítulos elaborados por Herval Pina Ribeiro e Francisco de Castro Lacaz na coletânea "DE QUE MORREM OS TRABALHADORES" trazem à tona a situação de vida e de trabalho da população brasileira, analisados através dos seguintes temas: Agentes físicos e doenças; Acidentes de trabalho, O trabalho da mulher e do menor; Horas extras, turnos e ritmo de trabalho; Tóxicos na indústria; Assistência médica previdenciária; A crise econômica e a saúde dos trabalhadores; Trabalho rural, acidentes e doenças; Incapacidade, trabalho e previdência social; Poeiras e doenças pulmonares

Em geral, cada tema é resultado de debates promovidos pelo DIESAT (Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de trabalho) no período de 1979 a 1984, com a participação de dirigentes sindicais em Fóruns sindicais, simpósios e SEMSAT'S (Semana de Saúde dos Trabalhadores). Os temas trabalhados trazem o esclarecimento de processos históricos que determinam a situação atual (avanços e retrocessos da legislação nos diversos momentos políticos, a constituição e o caráter da política de previdência social, as relações entre a economia do País e a saúde da população, as lutas já travadas pelos trabalhadores), os efeitos de agentes físicos e químicos no organismo (modo de instalação, progresso e efeitos tardios), a comparação entre a situação brasileira e a de outros países e aponta caminhos possíveis a nível da prevenção (engenharia de segurança e medicina do trabalho), bem como da organização dos trabalhadores para que se possa chegar ao controle do ambiente de trabalho (que historicamente é uma conquista do movimento sindical).

Algumas constatações são alarmantes. Configuram-se não só na

mortalidade mas na situação drástica de adoecimento. Quatrocentos e quarenta trabalhadores brasileiros se acidentam por hora, sendo que destes cinco ficam inválidos e um morre (dados do 1º semestre de 1980). 1% da população brasileira está inválida pelo e para o trabalho, não sendo difícil comprovar a existência de um outro exército de inválidos preteridos de qualquer direito devido às dificuldades de acesso, entraves burocráticos, legislação minimizadora da incapacidade de doentes e acidentados e a sistemática pericial.

Entre as doenças incapacitantes, as neuroses são o diagnóstico mais frequente de perícia do INPS, determinando o afastamento temporário do trabalho. São também a primeira causa de renovação deste afastamento. Doenças mentais em geral são as mais frequentes e quase única causa de aposentadoria por invalidez abaixo dos 40 anos.

O caráter crônico das doenças é geralmente o mais evidenciado, sendo, entretanto, de difícil comprovação. Dentre estas, surge a fadiga industrial decorrente da automatização do trabalho, monotonia, ritmo excessivo, parcelamento de funções, não valorização da capacidade. Este tipo de fadiga atinge não só os trabalhadores ligados diretamente à produção, como os têxteis e metalúrgicos, mas também bancários e datilógrafos.

Este esforço de sistematização dos vários aspectos do trabalho que determinam a qualidade de vida do trabalhador são buscados nos escassos e restritos registros existentes, na exploração de etiologias de doenças relacionadas a agentes físicos e químicos, nos determinantes do modo de produção capitalista e nos aspectos políticos e sócio-econômicos das decorrentes. Estes fatores se agregam indissolúvelmente produzindo efeitos mortais, lesivos e irrecuperáveis (um grande contingente de trabalhadores se torna por isto força de trabalho mar-

# Leitura

ginalizada integrante do mercado informal e participante da chamada "economia subterrânea".

Esta coletânea é um documento que pode ser considerado um instrumento básico de todo trabalhador brasileiro e ainda um texto obrigatório aos profissionais da área de saúde que pretendem um exercício profissional conseqüente.

## Como alfabetizar?

Yvone Alvarenga Gonçalves Khouri \*

Há várias décadas o fracasso escolar tem assolado a escola pública brasileira, especialmente a de 1º grau. Este fato tem sido bastante estudado, muito se tem escrito sobre ele, mas poucas alternativas eficazes têm sido propostas e divulgadas, objetivando a sua solução. Parece tratar-se de uma realidade imutável, provocando o desespero de educadores bem intencionados.

O livro de Sérgio Antonio da Silva Leite (*Alfabetização e fracasso escolar*, Editora Edicon, 1988) vem trazer, oportunamente, uma grande contribuição à transformação desta realidade deprimente, apontando possibilidades de ação dos educadores no processo de alfabetização, um dos pontos mais problemáticos do fenômeno citado.

Nos capítulos iniciais, o autor contextualiza o problema, através de considerações sobre a política educacional brasileira imposta nas últimas décadas, apontando a boa qualidade do ensino oferecido por algumas escolas particulares ao aluno proveniente das camadas mais abastadas da

população, em contraposição à crescente desqualificação do ensino nas escolas governamentais, destinado às camadas populares, denunciando as suas conseqüências negativas na formação da cidadania, do indivíduo consciente, autônomo e crítico. Assinala também a crescente necessidade da participação efetiva dos educadores na tomada de decisões pedagógicas, através da sua constante reflexão sobre suas práticas educativas e da sua organização política, possibilitadora de pressões da categoria profissional no sentido da transformação sócio-política mais ampla, na efetivação de justiça social e, em decorrência, da melhoria da qualidade de vida da grande maioria da população brasileira empobrecida.

As explicações tradicionais sobre a questão, e ainda assumidas por muitos professores, são discutidas sob enfoque desmistificador. Questões como Q.I., imaturidade, subnutrição, desintegração de lares, são revisadas e colocadas em suas exatas proporções, clarificando, portanto, a realidade educacional.

Em decorrência, são apontadas as verdadeiras causas do fracasso escolar, tanto as extra-escolares como as intra-escolares, chamando atenção para o compromisso dos educadores, no sentido de, a curto prazo, procurarem formas efetivas de modificar este quadro sombrio no nível dos fatores intra-escolares, isto é, nos objetivos, estrutura e funcionamento da escola, sem esquecer, porém, os fatores extra-escolares na determinação desta realidade.

A atuação da equipe multiprofissional na escola, na qual se inclui o psicólogo, é colocada, pois se defende a assessoria dos profissionais que a compõem como enriquecedora da ação pedagógica.

A possibilidade da modificação da realidade intra-escolar, através do trabalho de equipe é concretizada pela descrição do projeto "Pró-Leste", o

modelo que propiciou oportunidade de trabalho conjunto de psicólogos e professores em escolas públicas situadas na periferia da cidade, "centrado na faixa das primeiras séries do ensino do 1º grau, visando atingir a base da pirâmide educacional, onde se encontra grande massa da população escolar".

São amplamente discutidos objetivos, procedimentos, formação de equipe de coordenação, treinamento de pessoal, procedimentos de supervisão e os resultados obtidos durante os anos da implantação do projeto, a partir de 1977. Inclui-se a avaliação realizada com professores das escolas onde ele foi implantado, cujos resultados evidenciam a eficácia da proposta.

Finalizando, pode-se tomar conhecimento de interessante debate realizado entre o autor e docentes do Instituto de Psicologia da USP sobre o "Pró-Leste", levantando questões importantes tais como o conceito de alfabetização nele subjacente e as causas de seu sucesso.

Nesta discussão, torna-se transparente o posicionamento do autor em relação à defesa de uma educação democrática que, a par da boa qualidade de ensino, envolve uma grande contribuição à justiça social.

Há que se fazer referência especial à clareza e precisão da exposição e revisão crítica que o autor tem do problema discutido, os quais são reveladores da maturidade técnica, social e política alcançada por ele, bem como sua profunda preocupação com a ação-reflexão integradas e transformadoras de uma realidade educacional que, na maioria das vezes, é focalizada apenas no nível do discurso.

Trata-se, pois, de uma leitura necessária a todos aqueles que, atuando no campo educacional, estão empenhados em aprimorá-lo, especialmente em benefício das camadas pobres de nossa população, no seu direito à educação básica.

Yvone Alvarenga Gonçalves Khouri é Conselheira Vice-Presidente do C.F.P. e professora de Psicologia Educacional na PUC-SP.